



Sociedade do Cansaço: A sociedade do cansaço: Byung-Chul Han e o diagnóstico da condição do homem no século XXI

Pâmela Bueno Costa, Licenciada em Filosofia pela UNESPAR, Professora de Filosofia na Educação Básica da rede pública (SEED/PR), Professora do Colégio Santos Anjos (Porto União, SC), Mestranda do PROF-FILO, Mestrado Profissional em Filosofia (UNESPAR), bolsista Capes, costapamela58@gmail.com

Samon Noyama, Doutor em Filosofia (Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ), Professor Adjunto do curso de Filosofia (UNESPAR, campus de União da Vitória) e Professor Permanente do PROF-FILO, Mestrado Profissional em Filosofia (UNESPAR), snoyama@gmail.com

HAN, Byung Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2015.

Em 2010, o filósofo sul coreano radicado na Alemanha Byung-Chul Han publicou um pequeno livro intitulado *Müdigkeitsgesellschaft*, que recebeu tradução para a língua portuguesa publicada no Brasil apenas em 2015, realizada por Enio Paulo Giachini e editada pela Vozes, de Petrópolis, Rio de Janeiro. Dividido em sete breves capítulos, é um dos livros de maior impacto mundial do filósofo, pois já recebeu mais de uma dezena de traduções e apresenta um dos eixos temáticos essenciais do trabalho do filósofo, ao lado de *Transparenzgesellschaft*, de 2012, publicado no Brasil em 2017, sob o título de *A sociedade da transparência*.

Han abre o livro com uma analogia entre a sociedade contemporânea e uma espécie de trajetória das epidemias mais significativas que marcaram a história recente da humanidade. Tal analogia tem a função de apresentar as principais patologias que afetam o homem contemporâneo em escala mundial, e caracterizar o modo de vida do século XXI como um processo de adoecimento do homem decorrente da sua relação com a economia e o trabalho. Se já passamos por uma época viral e outra bacteriológica, nosso século inaugura a era das patologias neuronais, tais como a depressão, as síndromes de hiperatividade e esgotamento profissional (Burnout) e outros transtornos de ordem

psíquica. Para o autor, não se trata de uma ocorrência casual, e sim, de um processo que ele mesmo chama de excesso de positividade.

Isto que Han chama de positividade é, na verdade, o diagnóstico de um processo planejado de inibição das diferenças, e que na nomenclatura da filosofia pode ser entendido como uma tentativa de eliminar a alteridade e evitar os processos dialéticos, isto é, as construções resultantes dos embates, dos choques e das contradições. Para entender a raiz disso ainda no plano epidemiológico, ele aponta a tentativa de enfrentar as patologias através de uma proteção imunológica, baseada na expulsão dos inimigos e das diferenças, à semelhança das estratégias militares da época da Guerra Fria. Nas suas próprias palavras, esta sociedade se caracteriza “pelo desaparecimento da alteridade e da estranheza. A alteridade é categoria fundamental da imunologia. (...). Também o estranho se neutraliza uma forma de consumo. O estranho cede lugar ao exótico” (HAN, 2015, 10-11).

O filósofo associa, então, esse diagnóstico clínico do homem contemporâneo não somente com essa lógica da substituição das diferentes por semelhanças, mas também dos vínculos que esse processo tem com as exigências econômicas neoliberais. Trata-se de uma hipérbole da lógica de coisificação, denunciada desde Karl Marx, onde absolutamente qualquer coisa ou indivíduo passa a ser determinado pelo viés do consumo. E o homem, recém-inaugurado o século XXI, torna-se cada vez mais explorador de si mesmo e dos outros homens, atendendo às coordenadas da sociedade do desempenho que se desenvolve em total dissonância com os valores humanistas. As doenças mais frequentes em nosso ambiente de trabalho são resultado dessas deliberações, dos avanços tecnológicos e das redes sociais que transformaram radicalmente nossas relações afetivas.

Não devemos ficar presos à noção de sociedade disciplinar analisada por Michel Foucault décadas atrás. Aquela forma de organização da sociedade, por mais perversa e violenta que pudesse ser, ainda não dispunha de uma forma de pensamento mais sutil e eficiente para manter o crescimento econômico reduzindo sempre os custos. Ou seja, a sociedade da vigilância e da punição dá lugar, hoje, a uma sociedade mais competente na sua finalidade de produzir para o consumo, minimizando os obstáculos e oferecendo, sempre, perspectivas de desenvolvimento da economia e de lucro para os investidores. Mas como fazer o homem produzir mais sem reivindicar para ele, ao menos, aquela satisfação no entretenimento e no consumo que o tornava meramente alienado, inconsciente de sua condição de trabalhador explorado?

Han é taxativo em sua resposta: pensando em alternativas para fazer o próprio homem sentir-se útil e eficiente na sua exploração de si mesmo. A isto ele chama a transição de uma sociedade disciplinar para uma sociedade do desempenho. O valor do nosso trabalho reside na nossa capacidade de executar múltiplas funções, a qualquer tempo e com a menor quantidade de recursos possível. (Afinal, o que não se faz com um smartphone conectado à internet nos dias de hoje?)

Podemos dizer que o excesso de positividade é resultado do excesso de estímulos e informações, que produzem uma modificação na estrutura da economia e da atenção. A *Multitasking* – multitarefas, produz perda de tempo e faz o homem não se desvincular do trabalho, pois está a todo momento conectado. A esse acúmulo de tarefas, Han alerta para um grande retrocesso: “na vida selvagem, o animal está obrigado a dividir sua atenção em diversas atividades” (HAN, 2015, 32). Com isso, observa-se que o homem perdeu a sua capacidade de *ver*, sua visão contemplativa, pois não é capaz de aprofundamento, permanece na superfície; rasa. Com efeito, essa perda de atenção faz a sociedade humana caminhar para a vida selvagem, que realiza inúmeras tarefas ao mesmo tempo.

O bem viver cede seu lugar para a preocupação somente com o sobreviver, pois a todo momento é cobrado desempenho. E assim, no lugar da atenção profunda – contemplativa, abre-se espaço para a hipertensão. O modo de vida acelerado e disperso, de mudança de foco frequente, com pequenas tolerâncias ao tédio profundo, faz com que se anule o processo criativo. Walter Benjamin percebe o tédio profundo como “pássaro onírico, que choca o ovo da experiência” (HAN, 2015, 33). Podemos dizer que o ninho do repouso se perde pouco a pouco na modernidade. Não há espaço para o descanso e a sociedade está doente, pois a falta de repouso resulta no desaparecimento dos dons de ver, escutar, falar, pensar e escrever. É possível, segundo Paulo Cézanne, um grande mestre da atenção, *ver o perfume das coisas*. E para tanto, segundo Han, é preciso atenção profunda, e isso exige que o ser humano mergulhe nas coisas. É preciso disposição para a atividade. Caso o elemento contemplativo seja expulso, a vida humana findará em uma hiperatividade mortal: nas palavras nietzschianas: “por falta de repouso, nossa civilização caminha para a barbárie” (HAN, 2015, 37).

A vida ativa deve levar à contemplação. De acordo com Hannah Arendt, em seu livro *A Condição Humana*, o ser humano possui três atividades fundamentais a ser desenvolvidas, e estas estão interligadas com condições humanas naturais, que são: o labor,

o trabalho e a ação. Essas atividades são englobadas em um único termo, *Vita activa*. A filósofa afirma que, na medida em que é uma sociedade do trabalho, a sociedade moderna possibilita a aniquilação do agir, fazendo do homem apenas um animal trabalhador. Dessa forma, fica marcada a transição de uma sociedade registrada pelo heroísmo para outra, que se encerra em uma positividade mortal. O *animal laborans* descrito por Arendt, não se aplica ao homem contemporâneo, pois ele não abandona a sua individualidade nem seu ego, afinal, é um sujeito extremamente narcísico. Como afirma Han: “a sociedade laboral individualizou-se numa sociedade de desempenho e numa sociedade ativa” (HAN, 2015, 43). O homem torna-se assim um indivíduo hiperativo e hiperneurótico.

Esse processo de desnarrativização vai reforçar a transitoriedade e estimular o desnudamento da vida. Vale lembrar que frente à vida desnuda e transitória reage-se com hiperatividade, histeria do trabalho e produção. O homem pós-moderno virou, segundo Agamben, o *homines sacri*, ou seja, os excluídos do cenário político, vivendo com a sorte para preservar a vida (nua e biológica): são *como mortos-vivos*. Assim, o *homo sacer* “é originalmente alguém que foi excluído da sociedade em virtude de um delito” (HAN, 2015, 45). O homem moderno perdeu o limite de trabalho, o próprio senhor tornou-se escravo laboral. Ele não apenas vigia e é vigiado, mas é vítima e agressor.

Han constrói uma crítica a Arendt, quando louva a *vita activa*, no final de seu tratado, onde ainda não percebeu que a “perda da capacidade contemplativa, que não por último depende da absolutização da *vita activa*, é corresponsável pela histeria e nervosismo da sociedade ativa moderna” (HAN, 2015, 50).

É preciso aprender a ver. E esse aprender a ver, de acordo com Nietzsche, “significa habituar o olho ao descanso, à paciência, ao deixar-aproximar-se-de-si”, isto é, capacitar o olho a uma atenção profunda e contemplativa, a um olhar demorado e lento.” (HAN, 2015, 51). É preciso pausa, é preciso tempo para se contemplar a vida e as coisas que estão à volta. Aprender a contemplar, conhecer a si, e conhecer o outro, para assim conhecer as virtudes do outro, aprender com alteridade do olhar. E é isso que a sociedade da positividade anula, porque não há espaço para as diferenças.

Parar para contemplar o mundo perdeu o sentido. O homem moderno desaprendeu a ver o mundo à sua volta. Destarte, o que é preciso não é uma vida ativa, mas sim, uma vida contemplativa. Por oferecer resistência aos estímulos opressivos, contemplar não é pode ser apenas dizer sim, mas garantir uma dialética do *ser* com o mundo. Ainda, em

conformidade, com Nietzsche, seria uma ilusão acreditar que os ativos seriam os mais livres, eles estão apenas prolongando o que já existe. A falta de negatividade impede o olhar para outro e, assim, a alteridade. A humanidade torna-se mecânica, subordinada ao cálculo. E, assim, o excesso de positividade geral do mundo, transforma o homem como também a sociedade em máquina de desempenho. E esse esforço exagerado de maximizar o desempenho, afirma Han, afastando toda a negatividade e enfraquecimento natureza humana.

Han recupera também uma discussão que se tornou clássica sobre o paradigmático caso do personagem Bartleby, do conto escrito Hermann Melville no final do século XIX. Mas, na contracorrente das interpretações teológicas e metafísicas, ele sugere uma patológica. Ainda que a neurastenia de Bartleby suscite a discussão em torno das doenças que tem origem nas condições laborais, seja pela figura do workaholic ou do personagem em questão, Han não interpreta o conto como representativo do que vivemos nesta época. Bartleby ainda é uma figura da sociedade disciplinar, pois ainda se trata de um sujeito que é obrigado a obedecer. Ele ainda não apresenta “sintomas daquela depressão que é uma marca característica da sociedade do desempenho pós-moderna. Os sentimentos de insuficiência e de inferioridade ou de angústia frente ao fracasso” (HAN, 2015, 62) não correspondem aos seus.

Na interpretação do filósofo sul coreano a história do escrivão que de um excelente funcionário se transforma em um ser ausente, cuja resposta para toda e qualquer pergunta, oferta ou pedido é “eu preferia não fazer”, poderia ser entendida não dentro dos limites da teologia ou da metafísica, como nas interpretações dos outros teóricos como Deleuze e Agamben, mas nos limites do esgotamento, da fadiga extrema: “O que faz Bartleby adoecer é aquele excesso de positividade ou de possibilidade. Ele não suporta o peso do imperativo pós-moderno”. (HAN, 2015, 62)

O capítulo derradeiro leva o título do próprio livro. A conclusão de que a sociedade em que vivemos hoje é uma sociedade de indivíduos cansados remete, como reconhece o autor, a Peter Handke, ensaísta austríaco, que publicou *Ensaio o sobre o cansaço* em 1989. É através dele que Han pensa o cansaço como um estado fundamental que constitui as relações humanas e as relações dos indivíduos consigo mesmos. Handke divide a noção de cansaço em duas, antagônicas, cuja divisão promoveu, especialmente, uma cisão do sujeito com o outro.

Trata-se, então, não de um esgotamento físico, tampouco mental, nem mesmo um cansaço da vida individual de cada um, mas um cansaço da relação. Os homens deste século estão cansados *para*. Para ver o outro, para se importar com os outros, para pensar com e no outro, para enxergar a si mesmo como alguém que depende da alteridade, da diferença e, portanto, da relação com os demais. Segundo Han, “o cansaço do esgotamento não é um cansaço da potência positiva. Ele nos incapacita de fazer *qualquer coisa*. ” (HAN, 2015, 76).

Finalmente, podemos dizer que esta obra de Byung-Chul Han é de interesse múltiplo. Ainda que se insira no contexto dos chamados estudos culturais, engendrando questões que se estendem desde a filosofia e sociologia, à economia e psicanálise, passando pela antropologia, a leitura simples nos permite dizer que é um livro necessário. As questões abordadas pelo autor podem ser notadas no cotidiano de uma escola, empresa ou fábrica.

Certamente nos almoços de domingo ou reuniões familiares não deve ser incomum ver uma dezena de parentes reunidos sem diálogo ou qualquer demonstração de interesse naqueles que estão ao redor. Há quem diga que isto não é motivo de preocupação, é apenas uma questão geracional ou motivada pelo extraordinário apelo das tecnologias. E é aqui que Han nos mostra a urgência de pensar essas questões: esse cansaço é, ao fim e ao cabo, a violência tornada algo aparentemente desimportante e sutil na vida contemporânea. Essa inibição dos afetos associada à neutralização das diferenças e das alteridades não é sanguinária nem força bruta, e por isso é ainda mais violenta. É a violência do silêncio e do isolamento que constituem um mundo contemporâneo e um modo de vida vazios e sem sentido, isto é, um solo fértil para as patologias neuronais que são marca da humanidade no século XXI.

É irresistível lembrar de Manoel de Barros, poeta brasileiro recém falecido, que não hesitou em declarar-se um apaixonado pela importância do inútil, do ócio, da liberdade de entregar-se para a natureza e para o outro. Porque uma coisa é fazer apologia do descanso, outra coisa, totalmente diversa, é o cansaço como fundamento de um modo de viver.

Referências

HAN, Byung Chul. **La agonia de Eros**. Traducción Raúl Gabás Pallás. Herder: Barcelona, 2014.

_____. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.

_____. **Sociedade da transparência**. Tradução de Enio Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.